

O ENTRELAÇAR DAS MEMÓRIAS DE VELHOS QUILOMBOLAS: BRINCADEIRAS E SABERES*

THE INTERLACE OF THE MEMORIES OF OLD QUILOMBOLS: JOKES AND KNOWLEDGE

Alessandra Pereira de Carvalho Veloso 1
Nazaré Cristina Carvalho 2

Resumo: O texto apresenta análise de brincadeiras presentes nas memórias dos velhos quilombolas de Porto Alegre, em Cametá /PA. É uma pesquisa de cunho qualitativo com ênfase na história oral. Os sujeitos da pesquisa foram 08 (oito) velhos(as), que se constituíram como intérpretes de suas histórias de vida. Como recurso metodológico, utilizou-se a observação, entrevista semiestruturada, conversas informais, registro fotográfico, filmagens e oficina recreativa. Para a interpretação dos dados empregaram-se os pressupostos da análise de conteúdo. As memórias de infância dos velhos possibilitaram conhecer aspectos das infâncias do passado, identificando-as pelos saberes presentes nas brincadeiras. Os resultados do trabalho apontaram que as brincadeiras vivenciadas são permeadas de processos educativos. Este estudo compreendeu os velhos como sujeitos de história e memória, que se estabeleceram nas relações com o outro e no espaço em que vivem. Neste artigo, apresentaremos as vozes de quatro velhos, personagens centrais no processo criativo e protagonistas da investigação.

Palavras-chave: Memória. Velhos quilombolas. Brincadeiras de infância. Saberes

Abstract: The text consists on analysis of today's games in the ancient Quilombolas's memories from Porto Alegre in Cametá /Pa. The study was constituted as qualitative, with emphasis in the oral history. The subjects of the research were 08 (eight) elderly people, who were considered as interpreters of their life histories. As methodological resource we used the observation, semi-structured interviews, informal talks, photographic registration, videos and recreational workshop. For data interpretation and analysis, presuppositions of the content analysis were used. The elderly ones childhood memories could let us know the infantile games identifying present knowledge in the games. The results showed us that the experimented games are constituted of knowledge and educational processes. With this study, it was understood the old ones as subject of history and memory that are constituted in the relationships with the others and in the place where they live. We recognized the old ones as partners in the creative process of this study and protagonists in data analyses and interpretations.

Keywords: Memory. Old Quilombolas. Childhood games. Knowledge.

Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará. CV: **1**
<http://lattes.cnpq.br/6408008389440257>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1714-795X> email: carvalhoalessandra608@gmail.com

Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho. **2**
Professora Adjunta da Universidade do Estado do Pará. CV <http://lattes.cnpq.br/3419837056969280>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8417>
E-mail: n_cris@uol.com.br

*O artigo baseia-se na pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no período de 2017-2019.

Introdução

Este é um estudo sobre os modos de vida dos velhos quilombolas da comunidade de Porto Alegre, com enfoque nas brincadeiras de infância. Os velhos, como sujeitos de história, constituíram suas identidades nas relações com os seus pares e no espaço onde vivem. Assim, a partir das narrativas de vida foram manifestadas memórias do brincar da infância em comunidade quilombola e relatos sobre o tempo e os espaços onde elas aconteciam. Esses saberes presentes nas brincadeiras foram registrados e catalogados, descritos e identificados.

Pesquisar o cotidiano da comunidade quilombola situada na região chamada de Amazônia Tocantina, no município de Cametá, foi importante. Ao buscarmos as memórias dos velhos quilombolas nessa região, traçamos um panorama das brincadeiras de infância, a partir de relatos que, além de dar visibilidade aos sujeitos, apontaram elementos significativos para fazer ecoar a voz da comunidade. O desafio de trazer à tona a memória do brincar exigiu sensibilidade para a recolha narrativa, como a criação de mecanismos de aproximação com os intérpretes a fim de que as memórias fluíssem de forma espontânea.

Os saberes, as vivências, as experiências, histórias e memórias repassadas oralmente pelos mais velhos são assimilados por meio de educação não formal. A memória, conforme assegura Bosi (1994), é uma faculdade épica por excelência e não se pode perdê-la no deserto dos tempos, por isso há necessidade do repasse da tradição aos mais jovens. A pesquisa sobre as memórias das brincadeiras de infância vivenciadas pelos velhos e velhas da comunidade quilombola de Porto Alegre-Cametá /Pá, indicou que é preciso compreender a singularidade dos sujeitos como educadores.

Os estudos sobre os velhos, a partir do campo da memória, indicam que as brincadeiras se entrelaçam com as manifestações culturais da comunidade e se tornam também fundamental para manutenção das tradições. Nesse contexto, os velhos têm o papel de revelar aspectos da memória social local, pois através da rememoração do brincar, o sujeito pode imaginar um personagem, colocar-se no lugar do outro, o que manifesta sentimentos, emoções, capacidades e habilidades motoras, cognitivas e afetivas. De fato, o brincar promove distanciamento da realidade objetiva.

Ao se transformarem em crianças, no contexto da comunidade, os velhos, de certa forma, passaram a reproduzir nas suas brincadeiras algumas atividades do cotidiano, que eram realizadas pelos adultos, como varrer o quintal em volta das casas, preparar a lavoura para plantar, colher, descascar e limpar a mandioca, fazer farinha de mandioca etc. Essas eram algumas das atividades que as crianças presenciavam os adultos realizando e representavam no seu brincar, porque muitos pais não tinham com quem deixar as crianças e as levavam para o ambiente de trabalho, fato bastante comum em comunidades rurais negras no interior da Amazônia.

As crianças observam as atividades laborais dos adultos, porque estavam sempre presentes nos locais de trabalho dos pais, na lavoura, nas casas de farinha e brincavam enquanto os adultos realizavam os afazeres. Ao presenciarem essas atividades, as crianças as adaptaram ao seu brincar, imitando o labor dos pais. Dessa forma, a categoria trabalho aparece recorrentemente nas falas dos velhos.

Ao brincar, os sujeitos constroem valores, significados e inserem a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelecem. Huizinga (2005, p. 6) corrobora com esse entendimento: “como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos”. Geertz (1989), também afirma que as relações estabelecidas entre os sujeitos e a cultura são essenciais para compreender o contexto social. Diante disso, os velhos de Porto Alegre, ao compartilharem suas brincadeiras, expressavam a interação e a coletividade existentes entre eles e aos elementos naturais que estavam à sua volta.

Podemos pensar que a função da brincadeira realizada pelos velhos quilombolas de Porto Alegre, durante a infância, era promover momentos de alegria em meio a uma vida marcada por dificuldades, principalmente financeiras. Portanto, as narrativas sobre a memória retratam a infância desses sujeitos, assim como alguns aspectos culturais e sociais da comunidade, pois as atividades lúcidas possibilitaram que esses sujeitos vivenciassem sua infância de forma afe-

tiva e imaginativa.

A comunidade quilombola de Porto Alegre- Cametá/PA: breve contexto

Imagem 1 – Ponte de acesso à comunidade



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, novembro/2017.

A viagem para chegar ao espaço onde se desenvolveu a pesquisa tem duração média de 1 hora e pode ser feita de ônibus, carro ou moto. Sai da cidade de Cametá, segue-se Transcametá-Tucurí até o Km 45, onde se localiza o ramal de Porto Alegre. A respeito da comunidade, Pinto (2010, p. 76), relata:

A povoação de Porto Alegre, segundo seus mais velhos habitantes, teria surgido, no final do século XVIII, com a vinda de algumas pessoas “que ainda conheceram a escravidão”, que viviam nas localidades de Puxa Regue, nas proximidades da povoação de Laguiño e Campo limpo. A maioria dos seus primeiros moradores procediam do Mola, antigo reduto, de negros fugidos.

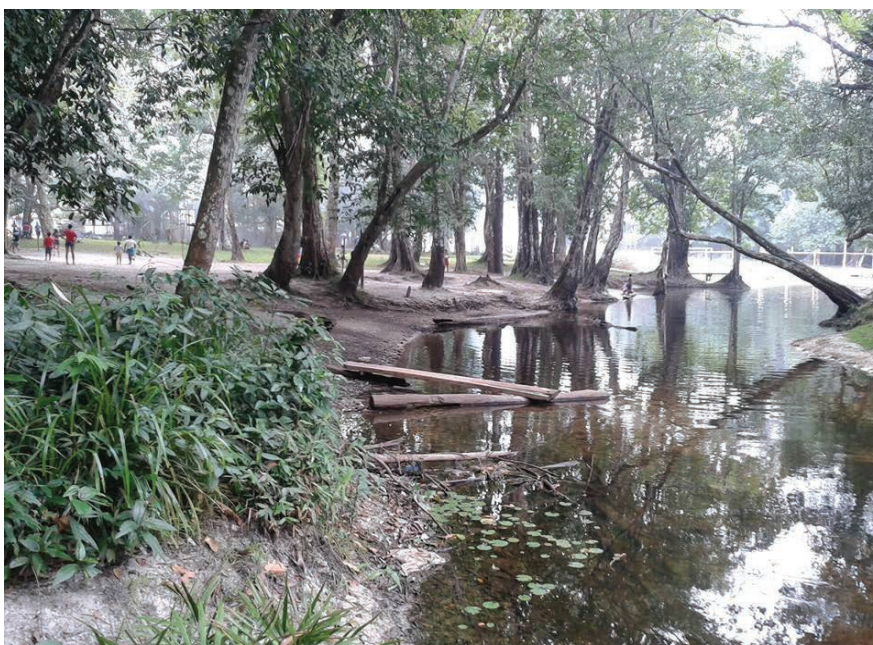
A comunidade é formada por 75 famílias que vivem em 62 casas. A organização espacial é feita de forma circular. No centro está o barracão comunitário e, em volta dele, há algumas casas, a igreja e a escola. Durante a pesquisa não se encontrou uma data oficial e exata do surgimento do povoado. Segundo Pinto (2010), a povoação quilombola teria surgido a partir do antigo quilombo de Mola. A explicação mais lógica é que os negros fugidos teriam se deslocado para outras localidades onde não pudessem ser encontrados, assim eles adentravam as matas para se esconder. Segundo Gomes (2006, p. 290),

Mais do que memória linear sobre a escravidão e quilombos, surgem, na história oral das comunidades do Baixo Tocantins, fragmentos de memórias que recuperam narrativas das

experiências do pós-emancipação. Ali comunidades foram feitas e refeitas juntando tanto fugitivos da escravidão como remanescentes de cabanos, desertores militares e aqueles que fugiam do recrutamento militar do “Corpo de Trabalhadores” do Grão-Pará.

Segundo o IBGE (2010), geograficamente, o que define essa pertença da comunidade ao município de Cametá é o Igarapé Anauerá que corta a comunidade e tem limites entre Cametá e o município de Oeiras do Pará. Assim, as localidades à margem direita pertencem ao município de Cametá e, à esquerda, pertence ao município de Oeiras do Pará.

Imagem 2- Igarapé Anuerá



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, novembro de 2014.

Porto Alegre tem organização rústica com as casas de alvenaria e, a maioria, de madeira. São casas cobertas com telhas ou palha e algumas possuem chão de terra batida. Todas possuem quintal onde os moradores cultivam pequenas hortas. A comunidade possui serviços de energia elétrica e água encanada.

A maioria dos moradores trabalham na plantação da roça de mandioca. Os produtos manufaturados são consumidos pelos moradores e, o excesso, é levado diariamente para a feira livre de Cametá. Pinto (2010, p. 76) relata sobre a fonte de renda dos moradores de Porto Alegre:

A principal fonte de renda dos seus habitantes é a agricultura de subsistência, através do cultivo das roças de mandioca, cujo derivados, como farinha de mandioca, farinha de tapioca, tapioca e tucupi, são comercializados na cidade de Cametá, onde os moradores de Porto Alegre também efetuam as compras de primeira necessidade que são consumidos no cotidiano, como café, açúcar, feijão, sal, charque, carnes salgadas, roupas, redes, ferramentas de trabalho e munição para as espingardas e armadilhas de caças.

Vivenciar o cotidiano de Porto Alegre possibilitou maior familiarização com as narrativas contadas a partir do que guarda as memórias dos velhos. Para registrar as brincadeiras que

emergem delas, foi necessário maior inserção na comunidade - questão difícil de conseguir quando se trata deste tema em campo. Para estabelecer maior aprofundamento na pesquisa, cada ida à localidade, buscávamos nos inteirar mais da vida dos entrevistados e construir laços de afetividade.

O percurso metodológico

A pesquisa, do tipo qualitativa, utilizou a história oral como método que ensina “ter olhos e ouvidos atentos” às histórias de vida dos sujeitos, conforme explica Freitas (2006, p. 80): “O método da História Oral possibilita o registro das reminiscências, das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim uma história alternativa à história oficial”.

Ao tomar por base a história oral, fomos a campo cujas narrativas foram recolhidas no *lócus* da pesquisa a partir das vivências com os sujeitos, reconstituindo a história da comunidade. Os relatos orais e as histórias de vida dos narradores nos permitiram conhecer um pouco da história do lugar e elaborar registros, uma vez que existem poucos documentos escritos sobre a comunidade. A cultura dos quilombos vem resistindo e sendo repassada por meio da oralidade e isso possibilita outras formas de educação. Afirma Thompson (1992, p. 146) “O que verdadeiramente distingue a evidência da história oral precede de razões bastante diferentes. A primeira é que ela se apresenta sob forma oral. Como forma imediata de registro, isto traz tanto vantagens quanto desvantagens”.

Como pesquisa qualitativa, buscamos valorizar os pontos de vista dos participantes ao considerar a percepção do investigador em relação ao olhar que os sujeitos pesquisados possuem de si mesmo. Desse modo, Melo (2017, p. 13) explicita que a pesquisa qualitativa “É aquela que se utiliza exclusivamente de técnicas qualitativas de pesquisa, aplicadas para captar ideias, atitudes, opiniões, sentimentos, expectativas e aspirações dos informantes acerca do objeto estudado”. E Minayo (1994, p. 21) nos ajuda a pensar sobre a necessidade de interagir e interpretar a realidade, valorizar a história e a cultura local:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Para coleta de dados utilizamos observação, entrevista semiestruturada, conversas informais, visita domiciliar, registro fotográfico, filmagens e oficina recreativa¹. Foi necessário realizar, inicialmente, um levantamento prévio das pessoas mais velhas que estivessem interessadas em participar, considerando os critérios expressos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCL): disponibilidade, lucidez e viver na comunidade.

Os intérpretes² da pesquisa foram 8 (oito), sendo 5 (cinco) mulheres e 3 (três) homens, com idade entre 60 e 100 anos, escolhidos entre aqueles que tinham disponibilidade em compartilhar as memórias em relação ao brincar, à história da comunidade e às histórias de vida.

Neste estudo, procuramos valorizar a memória oral desses sujeitos. “A oralidade, para nós, está associada à relação constante do falar-ouvir/ouvir-falar. A oralidade que se manifesta no cantar e no falar” (BRANDÃO, 2006, p. 36). Ao assumirmos o papel de ouvinte, captamos melhor a essência dos relatos. Ouvir os narradores nos fez ampliar as possibilidades de análise.

É por esse motivo que a noção de contexto é importante para

1 A oficina recreativa denominada “Brinquedos e brincadeiras tradicionais da Comunidade Quilombola de Porto Alegre”, foi realizada buscando tornar a pesquisa de campo algo mais dinâmico.

2 Categoria adotada para designar os sujeitos da pesquisa. Termo baseado nos estudos de Zumthor (2010, p. 239): “é o indivíduo de que se percebe, na performance, na voz e no gesto, pelo ouvido e pela vista. Ele pode ser também compositor de tudo ou parte daquilo que ele diz ou canta”.

a pesquisa qualitativa. É preciso considerar os indivíduos em seus contextos típicos, já que é aí que seu comportamento tem significado, e é sempre relacionando a ação e suas práticas com os elementos mais amplos que se pode determinar o significado de sua ação. Por isso, o contexto não deve ser “abstraido”, nem as suas práticas observadas isoladas de seus contextos, mas sempre, ao contrário, situadas nesses. Os fenômenos investigados devem ser tratados em toda a sua complexidade (MARCONDES; TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 29).

Memória de infância dos velhos quilombolas

Para conhecer as infâncias dos velhos quilombolas de Porto Alegre, em Cametá – PA, analisamos a história e a concepção de infâncias que prevalece, atualmente, com base na sociologia das infâncias que utiliza a contribuição de várias ciências. Hoje, o termo *infâncias* é usado no plural, pois os fatores como a classe social, o gênero, a etnia e a religião também devem ser considerados. Ou seja:

propõe-se a constituir a infância como objeto sociológico, resgatando-a das perspectivas biológicas [...] que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para eles (SARMENTO, 2007, p. 36).

As infâncias que retratamos neste estudo é aquela que permanece viva na memória dos idosos que vivem em comunidade quilombola e nos faz compreender o conceito de infâncias. As vozes dos velhos, como sujeitos-intérpretes das suas vivências, retrataram momentos que corroboram com a necessidade do reconhecimento da criança enquanto sujeito. Por meio da análise sociológica das infâncias, percebemos uma vida permeada de limitações, principalmente as financeiras, mas a vivência ao ar livre, em contato com a natureza, lhes permitiu infâncias mais felizes, apesar das adversidades. Ouçamos a voz de Dona Chica, 65 anos, uma de nossas intérpretes:

Quando eu era criança a lembrança que eu tenho primeiramente era o respeito pelas pessoas crianças, adultos, quando chegava alguém pra conversar com meu pai com a minha mãe, a gente não ficava próximo, saía ia pra outro lugar, mas não ficava perto, outra coisa quando a gente saía para ir pro ajuntamento, a gente só ia pra dormir. Se fosse numa festa, meu pai com a minha mãe levava nós chegava lá amarrava a rede, a gente só ia pra dormir, a gente não ia se misturar, era criança, não podia se misturar. (DONA CHICA, 2018)

As reminiscências das histórias dos velhos de Porto Alegre são emaranhadas de experiências, saberes e vivências as quais se constituem naquilo que Halbwachs (2003, p. 100) chama de “comunidade afetiva”, que implica na memória coletiva, daí surgir de um sentimento de pertença a determinado grupo. As memórias dos velhos se entrelaçavam às memórias de outros que os remeteram ao passado, vivido com outros que também compartilharam as mesmas experiências. Essa relação efetiva da memória individual com a memória coletiva, Halbwachs (2003, p. 72) explica que “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer as lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”. A esse respeito, Bosi (1987, p.27) afirma: “A memória das pessoas também dependeria desse longo e amplo processo, pelo qual sempre ‘fica’ o que significa”.

As narrativas orais sobre o brincar dos velhos ao serem transmitidas pela oralidade vão ao encontro ao que Vernant (1983), defende em relação às sociedades arcaicas em que as memórias eram contadas pelos poetas os quais conheciam o passado, porque tinham o poder de estar nele. Na civilização grega, a cultura era transmitida através das narrativas míticas, como forma de manter as memórias arcaicas da sociedade da época: “O passado revelado desse modo, é muito mais que o antecedente do presente: é a sua fonte. Ritmando este passado não há uma cronologia, mas genealogias. O tempo está como que incluído nas relações de filiação” (VERNANT, 1983, p. 76-77). É importante referendar a Mnemosyne – Memória, que é a divindade que preside a função poética, fonte da imortalidade.

Memória, rememoração, traço das civilizações de tradições puramente orais; mãe das Musas, as quais inspiram/revelam (trazer a luz/tirar da escuridão) “a verdade” aos Aedos (cegos, poetas, intérpretes) e as realidades que escapam ao olhar humano; estes, por sua vez, cantam e rememoram os grandes feitos dos grandes homens, heróis. Expressa os mitos, as condutas humanas a serem seguidas por determinada sociedade (identidade coletiva). “Ele [o poeta] conhece o passado porque tem o poder de estar presente no passado” Não é um homem comum (VERNANT, 1983, p. 109).

As lembranças dos velhos articulam história, cultura local e oralidade. As narrativas sobre o brincar forneceram elementos para compreender as sociedades, que se constituíram como fundamentais para tecer a teia de significados sobre a ludicidade dos narradores.

Brincadeiras e brinquedos nas memórias de velhos

Além do apoio teórico sobre essa abordagem temática, apresentamos recortes das narrativas de vida focados nas brincadeiras e nos brinquedos de infância dos velhos quilombolas. “A brincadeira é, antes de tudo, uma confrontação com a cultura” (BROUGÈRE 2010, p. 82). Sem dúvida a cultura local também aparece na escrita desse texto como algo que ajuda a construir as teias das memórias do brincar. “A brincadeira é a entrada na cultura, numa cultura particular, tal como ela existe num dado momento, mas com todo seu peso histórico” (idem). As brincadeiras propiciaram aos intérpretes variadas experiências lúdicas e revelaram saberes e conhecimentos populares.

Trataremos aqui da brincadeira humana que supõe contexto social e cultural. É preciso, efetivamente, romper como mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar as suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. (BROUGÈRE, 2010, p.104)

A memória do brincar trouxe consigo o passado. A brincadeira foi fundamental para o desenvolvimento infantil e possibilitou aos sujeitos relacionar-se com as outras crianças e adultos, amparadas na coletividade que, compartilhadas, favorecem uma apropriação de diversos conhecimentos. Brandão (2002, p. 152) afirma que “Sujeitos individuais ou coletivos desde suas práticas intencionam a redefinir as da educação, ou a própria educação como uma prática social”.

As brincadeiras de roda, as danças populares, as cantigas também surgiram nas falas dos intérpretes. As brincadeiras de roda foram influenciadas pelas culturas africanas, indígenas e

européias e vêm sendo transmitidas de geração em geração pela oralidade. “As brincadeiras de roda marcaram muitas infâncias, percorreram (e ainda percorrem) com as crianças os caminhos da ludicidade” (CARVALHO et al., 2016, p. 179). Dentre as danças, destacamos o “samba do cacete”³ muito popular na região e na comunidade, além das cantigas de roda tradicionais.

Com base nas questões analíticas, apresentamos um panorama das brincadeiras vivenciadas pelos velhos; a forma como eram organizadas e desenvolvidas, além das relações que eram estabelecidas. Foram citadas as seguintes brincadeiras: saltar na água do igarapé, bole-bole/paia⁴, boneca, jogar bola, fazer “mundé”⁵ para pegar bicho no mato, pira esconde⁶, tocar clarinete na festa da santa, caçar lagarto no mato e pão de madeira.

Além dessas, os intérpretes citaram aquelas relacionadas ao trabalho dos pais como: coar massa de mandioca na casa de farinha, brincar de casinha, de fazer comida com folhas, de ser comerciante, em que juntavam folhas e cascas do mato como se fossem mercadorias de uma venda imaginária. Imitar o trabalho do adulto é muito comum entre as crianças, o que as leva muitas vezes a construir esse saber na convivência com o adulto. Era brincadeira, porque não havia obrigatoriedade de a criança participar ou ter que dar conta de determinada atividade. Como já dissemos, o brincar da criança entre os adultos, enquanto estes desenvolvem suas tarefas, é algo comum nas comunidades tradicionais.

Os brinquedos, as imagens e os nomes dos objetos, apresentados a seguir, foram elencados pelos sujeitos da pesquisa. São o bole-bole, também chamado de paia, o pássaro xincuçã⁷, a estrela simples, a estrela trabalhada, a lagarta, o relógio, a rosa, o tipiti, a corneta, o cachimbo, a panela de sapucaia, a ventarola, o carrinho de lata. Alguns desses brinquedos eram confeccionados pelas crianças com as folhas de inajá⁸, outros eram feitos com materiais reciclados, conforme imagens a seguir.

Imagem 3- Brinquedos Tradicionais



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, abril de 2018.

3 Samba do Cacete surgiu no município de Cameté. O nome se origina do instrumento usado para dar ritmo e marcação à música: os cacetes, dois pedaços de pau são batidos no Curimbó, para dar cadência ao ritmo.

4 É uma brincadeira com muitas variações de nomes e de regras. Para brincar, são usados caroços ou pedras. Se joga as pedrinhas para o alto, antes que caia, deve-se pegar outra e jogá-la para o alto.

5 Mundé é uma palavra tupi guarani que significa: 1- espécie de armadilha de caça.

6 Pique-esconde ou pira esconde é uma brincadeira infantil, em que uma pessoa (o “pegue”) fica com os olhos fechados, contando até o número combinado, enquanto os demais participantes se escondem.

7 Esta forma escrita é uma variação de Chincõã.

8 Inajá (*Attalea maripa*), é uma palmeira nativa da região norte do Brasil. Alcança até 20 metros de altura e possui estipe anelado, com palmito nobre, folhas dispostas em cinco direções e inflorescências interfoliares.

Os brinquedos mostram uma infância permeada pela imaginação e pela criatividade, pois os sujeitos transformavam alguns elementos da natureza e objetos descartados pelos adultos em artefatos brincantes, alguns elementos pertencentes ao mundo do adulto eram redimensionados para o mundo do brincar. Os principais elementos usados como brinquedos descritos nas falas dos intérpretes são: vassoura de açai e bacaba⁹, argila (para as panelinhas de barro), capim do mato, retalhos de pano (para as bonecas), latas usadas (para os carrinhos), cadilhos de rede¹⁰, sandálias velhas, ouriço de castanha¹¹, miriti¹², galhos de árvore e folhas diversas. Ressalta-se que os intérpretes não tinham acesso a brinquedos industrializados, por isso alguns velhos, na infância, eram construtores dos seus próprios brinquedos.

Saberes que circundam as memórias do brincar

Os saberes vivenciados pelos velhos quilombolas cametaenses se entrelaçam aos saberes do cotidiano infantil os quais são categorizados como lúdicos, domésticos, da natureza, do trabalho e da religiosidade. Essa parte do estudo está em consonância com aquilo que Santos (2010) propõe, ou seja, verificar outras epistemologias que orientem as práticas pedagógicas e sociais. Assim, os saberes dos mais velhos estão ancorados nessas outras epistemologias, em uma educação que privilegia o conhecimento popular e vai de encontro à hegemonia da educacional formal. O brincar constitui também aprendizagens e promove educação significativa.

Esses saberes se constituíam basicamente naquilo que eles externavam ao brincar e ao se relacionarem com seus pares. A ludicidade se constituía como atividade relevante que possibilitava aprendizagens diversas e, sem dúvida, contribuía de forma positiva para o desenvolvimento da criança / velho. A respeito disso, Carvalho et al (2016, p. 177) explica que “A ludicidade possui um valor como forma de saber, ela pode gerar conhecimento, acompanhando as transformações da realidade vivenciada pelo homem”.

Os velhos quilombolas, centro deste estudo, tiveram uma infância permeada pelo brincar, como forma de externar aquilo que vivenciavam na família e nos espaços da comunidade. Os saberes lúdicos eram apreendidos a partir da observação e da imitação: primeiro observava seu meio para depois refletir no ato de brincar aquilo que lhe parecia mais interessante no cotidiano. Assim, as aprendizagens também ocorriam primeiro pelo olhar, pelo observar e imitar, mais tarde eles construíam um contexto lúdico para externar a imaginação, criar e compartilhar a brincadeira. Os saberes domésticos foram bastante recorrentes na voz das intérpretes:

Pra mim também, aprendi porque eu pegava a roupa que eles não vestiam, cortava pra fazer a roupa pra boneca, naquilo eu ia costurando na mão mesmo, aprendendo, que até hoje eu sei fazer uma calça comprida pra criança, um shortinho, uma blusinha se for preciso. Eu sinto que eu aprendi assim através das brincadeiras, a gente tinha um balainho, a gente tem até vergonha de falar no meio povo que muitos não vão saber o que é, era o que colocava tubo de linha agulha, pedacinhos de panos tesourinha, eu aprendia fazer isso (Dona Chica, 2018).

Acho que aprendi a costurar fazendo boneca, depois de casar aprendi com a minha mãe a costurar, depois de casar, aprendi a talhar, pijama, paletó, calça, camisa, vestido, ensinei pra minhas filhas. Agora dançar e volta no pescoço e cinturão eu fazia, eu gosto de cordão e fazia desde mocinha (Dona Elízia Alexandrina, 2018).

9 Galhos colhidos da palmeira denominado açai. A palmeira da bacaba nativa da região de transição entre o cerrado e a floresta amazônica.

10 Os cadilhos ou punhos são elementos em formato de aros, localizados nas extremidades da rede, para onde as cordas concentram a carga a ser suportada. A rede é de origem ameríndia.

11 O fruto da castanha, o ouriço, tem peso médio de 750 g e constitui-se em uma resistente cápsula que não se abre espontaneamente. Abriga, em seu interior, entre 10 e 25 sementes/castanhas.

12 Produto tropical extraído das matas, várzeas e beiras dos igarapés, a palmeira recebe o nome vulgar de miritizeiro ou buritizeiro. A tala, tirada das folhas, fornece meios para os artesãos tecerem paneiros, tipitis, cestos, balaios e, ainda, para esculpir brinquedos de formas variadas.

A circulação dos saberes alimenta as narrativas sobre a infância e mantém viva a história desses sujeitos que atravessam o tempo e os espaços. Os aprendizados domésticos foram revelados principalmente nas falas das meninas/ velhas, mas os meninos também relataram os fazeres de casa ao afirmarem que ajudavam a limpar o quintal ou o terreiro, como muitos falavam: “*Limpava o quintal, trabalhava na roça, limpava o terreiro*” (Seu José Soares, 2018).

Os saberes domésticos circulavam por suas brincadeiras infantis e muitos, já na fase adulta, continuaram a realizar tais tarefas. É certo que as crianças / velhos não tinham obrigação de realiza-los, mas ao ajudarem em casa, com as atividades, como varrer, lavar louça, cozinhar, eles atribuíam aspectos lúdicos a tais momentos.

Elementos naturais foram recorrentes nas narrativas, como já citado anteriormente. Materiais como vassouras de açaí e de bacaba, barro, madeira, miriti, folhas diversas etc. eram usados na construção dos brinquedos e também nas brincadeiras que faziam no quintal, no terreiro, no mato. Uma brincadeira comum entre os meninos, era caçar bichos nos matos: eles passavam uns tempos embrenhados nas matas em volta da comunidade, que na época era bem mais preservada. O relato do Seu João Corrêa, de 68 anos, exemplifica:

A gente brincava caçando lagarto, no mato, fazia aqueles arcos e a flecha do índio, fazia o penacho o arco, até uma vez eu fui flechar uma taracaranga¹³, ela sacudiu a cabeça pra mim hum, minha senhora, aquilo me deu dor de cabeça e muita febre e se não fosse um curador que era bom, papai foi buscar, ele veio fez um trabalho e descobriu que foi ela, aquilo quase me deixa louco. Desde desse dia, minha senhora, nunca mais quis ir muito pra dentro do mato. (João Corrêa, 2018).

As falas dos velhos referentes à natureza estabelecem maior relação de pertencimento ao espaço onde vivem. Nessa perspectiva, a natureza refere-se ao significado que os sujeitos atribuíam aos elementos naturais colhidos, como folhas, galhos sementes usadas nas brincadeiras. A importância da natureza para a sobrevivência na comunidade é um saber aprendido na infância, presente na vivência até hoje. As experiências, muitas vezes, repassadas aos jovens pela oralidade, foram adquiridas na convivência cotidiana.

Os saberes da natureza promovem principalmente o bem comum: o cuidar do rio, das áreas em volta das casas, do terreiro, do quintal, o ajudar o outro no trabalho ou em outro momento são aprendizagens repassadas pelos velhos que são os guardiões da história local. Dona Elízia Alexandrina, 100 anos, uma das memórias vivas desse lugar, contribuiu grandemente para a constituição da comunidade.

Eu tento ensinar, as brincadeiras, como a gente brincava. A dança do samba eles não aprenderam, eles aprenderam esses empurra-empurra, essa dança moderna, as brincadeiras foi que mudou, é brincadeira boa também, mas não tem mais aquela antigas, metade do povo já morreu, aquela já não brinca como brincava. (Elízia Alexandrina, 2018).

A função primordial dos velhos nessa comunidade de guardar a memória para que seja repassada às futuras gerações prevaleceu. Os saberes do trabalho se fizeram presentes na voz dos velhos durante na época de crianças. Eles acompanhavam os pais nas atividades laborais. Assim, normalmente brincavam nos lugares onde os adultos trabalhavam, como a casa de farinha, por exemplo. As falas dos intérpretes nos permitem perceber saberes que se refletem no cotidiano, pois os afazeres na roça, nas casas de farinha, na plantação da lavoura fizeram parte da vida dessas pessoas, na infância. Os saberes do trabalho estão ligados a atividades de capinar, plantar, medir a área da roça, colher, descascar, limpar, ralar, e produzir os alimentos,

13 Nome popular dado a pequenos lagartos encontrados nas matas em volta da comunidade.

como: farinha d'água, de tapioca, o beiju, e outros.

As crianças/velhos aprendiam a realizar as tarefas a partir da interação com adultos e ocorriam também nas manifestações religiosas, sobretudo ligadas a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da comunidade. As manifestações lúdicas presentes na festa são a dança do samba de cacete, as músicas das ladainhas e as romarias. Muitos vivenciavam a preparação para festa e seus rituais, conforme a imagem a seguir demonstra.

Imagem 4 – Altar na casa da intérprete dona Herundina



Fonte: Foto cedida pelo Sr. Lael (2019)

Durante a festa, ladainhas e músicas são cantadas como forma de louvar a homenageada. Ao participarem da manifestação religiosa, na infância e na velhice, mergulhavam nos espaços de convivência da igreja, do barracão e dos rituais que permeiam as aprendizagens circulantes nesses lugares. O lúdico presente nas práticas religiosas está expresso nas narrativas. A manifestação na infância sempre foi grande, pois a festa da padroeira não se restringe apenas ao rito religioso, mas envolve os enfeites do barracão e do arraial, a preparação dos alimentos, como também a arrumação das casas para receber os visitantes.

A festa é o momento em que o sagrado e o profano se misturam e há envolvimento de toda comunidade na organização. Após os ritos religiosos, ocorrem leilões, danças e comilanças para as quais vêm visitantes de outras localidades. A ludicidade está presente no contexto da festa.

O rezar, o cantar e o dançar fazem parte dos vários momentos da festa e se constituem em conhecimentos construídos pelos participantes através da observação e da escuta dos mais velhos. Os saberes religiosos associam-se à devoção da Santa Padroeira como valores que norteavam suas vidas, como o respeito pela religiosidade, pela natureza, pelas tradições. E ainda se mantêm na comunidade e, embora tenham sido transformados ao longo do tempo, revelam a essência da cultura local e contribuem para a afirmação da identidade quilombola cametaense.

Considerações Finais

Os intérpretes brincavam, apesar das adversidades. O brincar foi importante para o desenvolvimento desses sujeitos que, ao narrarem suas memórias, demonstraram preferências por determinadas formas de brincar e, de alguma forma, exercitaram uma forma criativa de vida ao criar e recriar brinquedos e brincadeiras, além de relacionarem com a natureza. O cenário natural da comunidade oferecia elementos para que as crianças vivenciassem a sua ludicidade em um espaço ainda pouco conhecido, denominado Amazônia Tocantina.

As memórias contadas foram amparadas pela coletividade. As atividades lúdicas ocorriam em grupos de idades e gêneros diferentes. Isso favorecia a interação entre os sujeitos compartilhavam também diversos saberes. As brincadeiras representavam o cotidiano vivido pelos adultos no trabalho, as crianças imitavam suas ações, usando a imaginação para transpor a realidade vivenciada. Assim, brincar de varrer terreiro, por exemplo, era algo natural, pois eles presenciavam o trabalho e representavam no ato criativo de brincar. A utilização de sementes e folhas como materiais para construção dos brinquedos se relacionavam com o mundo a sua volta e a natureza lhes oferecia elementos que, com criatividade e imaginação, transformavam em objetos brincantes.

Durante o estudo não se buscou fazer comparações das brincadeiras do passado com as brincadeiras de hoje. Como dito, inicialmente, o intuito da pesquisa, foi conhecer, catalogar e analisar as brincadeiras dos velhos quilombolas. Ouvi-los e ter uma escuta atenta e sensível às vozes anciãs fez com que se percebesse que muito mais além de uma relação pesquisadora-intérprete, era preciso construir relação afetiva em que as particularidades de cada um fossem consideradas.

Os saberes elencados têm relação direta com as brincadeiras. O brincar é um espaço educativo onde circulam conhecimentos que desconstróem o paradigma hegemônico educacional. Assim, esses saberes são construídos na cultura e se transformam em tradições, como as brincadeiras catalogadas. O reconhecimento da importância do brincar e das memórias de velhos se constituem como um meio para promover a manutenção da cultura local que é essencial para a história dos sujeitos desse lugar.

Essa viagem pelas memórias do brincar dos velhos quilombolas termina aqui, mas o *lôcus* e os intérpretes ainda têm muitas histórias a contar; basta que estejamos abertos a trilhar novos caminhos.

Referências

- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BRANDÃO, A.P. coordenação do projeto. Caderno de Atividades. v.3: modos de interagir / - Rio de Janeiro: Fundação Ana Paula Roberto Marinho, 2006 152p. Kit A cor da cultura - Saberes e fazeres - modos de interagir.
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2010.
- CARVALHO, N. C.; SILVA, C. S. Q.; CORDEIRO, A. A. S.; SANTOS, I.C. C.. "O brincar na Ilha de Colares". In: ALBUQUERQUE, M. B. B.; FARES, J. A.; SILVA, M.G.; CARVALHO, N.C.. **Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos interculturais**. Belém: EDUEPA, 2016, p. 169-198.
- FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo. Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GOMES, F. **No labirinto dos rios, furos e igarapés: camponeses, negros, memória e pós-emplicação na Amazônia**. História Unisinos. Setembro/ Dezembro, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura**. Ed. Perspectiva. 2005.
- IBGE, **Censo 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/cameta/panorama>. Acesso em: 05 jan. de 2018.

MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth, OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. (org.). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. 21 ed. Belém: EDUEPA, 2010.

MELO, Lúcia. **Oficina de Técnicas de Pesquisa Científica. Textos selecionados**. CCSE – UEPA. Belém - Pará – Brasil. 2017.

MINAYO, M.C.S. “Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social”. In: MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PINTO, B. C. M. **Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. Belém: Editora Açai, 2010.

SARMENTO, M.J. “Visibilidade social e estudo da infância”. In: VASCONCELOS, V.M.R. de; SARMENTO, M.J. **Infância (In) Visível**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Paz e Terra, 1983.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Fontes orais

Elízia Alexandrina Soares, tia Guita (100 anos). Entrevista concedida em sua casa, em novembro de 2017.

Francisca Prestes da Conceição, dona Chica (65 anos). Entrevista concedida em sua casa em fevereiro de 2018.

João Correa Gomes (68 anos). Entrevista concedida em sua casa em abril de 2018.

José Soares (92 anos). Entrevista concedida em sua casa em janeiro de 2018.

Recebido em 23 de setembro de 2020.

Aceito em 28 de setembro de 2020.